# Nas moradas da morte: poemas de Nelly Sachs

*Celso Fraga da Fonseca*

## Breves notas sobre a vida e a obra de Nelly Sachs

A judia Leonie (mais conhecida como Nelly) Sachs nasceu em Berlim, em dez de dezembro de 1891. De família abastada, teve uma infância tranquila, tendo sido educada por professores particulares. Desde cedo praticou a dança e teve aulas de educação musical.

Começou a escrever por volta dos 17 anos. Seus primeiros trabalhos – poemas, contos e peças para teatro de bonecos, tudo carregado de romantismo e sem nenhuma ligação com o judaísmo – revelam a inf1uência dos clássicos alemães em sua formação. Todavia, a literatura que a tornou famosa, incomparável à dos primeiros tempos, somente veio a ser produzida em seu exílio na Suécia, ocorrido durante a Segunda Grande Guerra.

A partir da leitura do livro *A saga de Gösta Berling*, da sueca Selma Lagerlöf (primeiro Prêmio Nobel feminino, em 1909), passa a corresponder-se com a autora, de quem se torna amiga.

Com a deflagração da guerra, sua obra e sua vida ficam ameaçadas. Auxiliada por Selma Lagerlöf, consegue, em 1940, juntamente com a mãe, fugir para a Suécia, vivendo em Estocolmo até o fim de sua vida. Os demais integrantes de sua família, parentes mais próximos ou mais afastados, assim como seu noivo, foram eliminados nos campos de extermínio. No estrangeiro, acompanha o genocídio de seu povo e aprofunda o contato com os livros sagrados de sua religião, cujas imagens se fazem cada vez mais presentes em seus escritos.

Ao vir para a Suécia, ainda não escreve. Selma Lagerlöf morre, coincidentemente, quando ela chega. Nelly vive miseravelmente com a mãe num pequeno quarto, sobrevivendo principalmente à custa de trabalhos de tradução.

Assim como Else Lasker-Schüler e Gertrud Kolmar, poetas alemãs contemporâneas suas, de origem igualmente judia, Nelly Sachs escreve quase sempre num tom de profunda melancolia e amargura, sendo recorrentes em seus textos as imagens da sombra e do pó. Sua poesia é elegíaca, profética e carregada de misticismo. É o "lamento fúnebre de um povo", nas palavras do crítico alemão Eckart Klessmann, no jornal *Die Welt*. Usa uma linguagem hermética, que funde o velho e o novo, aliando a ousadia de criatividade e de metáforas do modernismo aos simbolismos da antiga poesia bíblica. Dentre outras fontes de influência em sua obra podem-se citar as canções populares judaicas, o hassidismo,[1] a cabala[2] (principalmente o *Sefer ha Zohar*)[3] e, naturalmente, o Antigo Testamento, que ela já conhecia em sua versão alemã.

O holocausto é elemento deflagrador e *Leitmotiv* de sua lírica, elegíaca, profética e plena de misticismo. Aos 55 anos, em 1947, publica *In den Wohnungen des Todes* (*Nas moradas da morte*), seu primeiro livro de poemas, que reúne trabalhos produzidos a partir de 1943. A obra se constitui de quatro ciclos de poemas: "Teu corpo em fumaça pelo ar", "Orações para o noivo morto", "Epitáfios escritos no ar" e "Coros depois da meia-noite".

No mesmo ano, publica uma antologia de poesia sueca, traduzida por ela para o alemão, sob o título de *Von Welle und Granit* (*De onda e granito*). A obra reúne textos de autores como Dan Andersson, Edith Södergran, Karin Boye, Pär

1 Palavra originária do hebraico *hassidim*, que significa *os piedosos*. Trata-se de um movimento judaico, de natureza religiosa e social, com base filosófica na Cabala. Segundo o Hassidismo, tudo quanto existe é expressão, embora desfigurada, da divindade; o próprio mal não passa de envoltório do bem, no qual finalmente se transformará. O movimento se caracterizou pela observância de três virtudes: humildade, alegria e entusiasmo. Foi fundado por Baal Shem Tov, cognome de Israel Ben Eliezer (senhor do bom nome), que viveu por volta de 1700 a 1760. Sua doutrina oral, pregada a cerca de mil discípulos, espalhou-se por quase toda a Europa Oriental.

2 Doutrina judaica esotérica sobre Deus e o universo, segundo a qual o texto bíblico encerra um sentido oculto, além do sentido direto, explícito. Surgiu em cerca de 200 a. C. e seus livros mais antigos são o *Sefer Ietzirah* (livro da criação) e o *Sefer ha Zohar* (livro dos esplendores). Na Cabala, a criação é um ato de amor. Ninguém, nada é intrínseca e totalmente mau nem maldito, nem mesmo o arcanjo do mal. Há de vir um tempo em que Deus o receberá novamente. O inferno desaparecerá, transformando-se em lugar de delícias. No fim dos tempos, não haverá castigos, nem provações, nem culpados. E a vida será uma festa eterna.

3 "Livro da luz, do esplendor", um dos mais importantes livros sagrados dos judeus, no qual se encontram os princípios cabalistas levados às últimas consequências. Escrito em aramaico, o *Sefer ha Zohar* é um comentário a trechos do *Pentateuco* e dos livros *Cântico dos Cânticos*, *Ruth* e *Lamentações*. A crítica moderna considera a obra, cuja primeira impressão data de 1558-1560, como resultado de longo desenvolvimento, atribuindo sua autoria ao cabalista espanhol Moisés de León, no final do século XII. Sua influência foi grande na literatura e ainda hoje é venerado por grande número de judeus.

Lagerkvist, Johannes Edfelt, Gunnar Ekelöf, Olof Lagercrantz, Erik Lindegren e Karl Vennberg.

Sua produção literária a partir do exílio na Suécia, exclusivamente lírica, foi compilada no livro *Fahrt ins Staublose* (*Viagem para o sem pó*), que reúne seis livros escritos durante um período de vinte anos, tendo sido publicada em 1961, por ocasião de seu septuagésimo aniversário. Além disso, compôs vários poemas dramáticos, reunidos sob o título de *Zeichen im Sand* (*Sinais na areia*), dos quais o mais importante é *Eli*. Esse poema dramático, em dezessete cenas e menos de sessenta páginas, foi escrito no inverno de 1943 e narra a história do pequeno pastor Eli, menino de oito anos, morto a coronhadas de fuzil quando sopra em sua flauta de bambu para implorar a ajuda do Céu a seus pais, que estavam sendo presos.

Em 1957, recebeu o Prêmio de Literatura da Associação Lírica Sueca. Em 1960, o Droste-Preis, prêmio concedido a cada três anos a autoras de língua alemã. Em 1965, o Grande Prêmio dos Livreiros Alemães. O reconhecimento de seu valor é crescente e, pouco a pouco, vai entrando para a grande literatura. Hoje, enciclopédias, dicionários literários e histórias da literatura alemã falam dela e de sua obra (embora algumas dessas obras nem sempre lhe destinem o merecido destaque). Em português, conta com significativo número de poemas traduzidos por Paulo Quintela e publicados sob o título de *Poemas de Nelly Sachs*.[4] Em sua honra, editaram-se diversos volumes de homenagens e instituiu-se, até mesmo, o Prêmio Nelly Sachs.

Entre inúmeros outros prêmios literários, recebeu, em 10 de dezembro de 1966, juntamente com Shmuel Yosef Agnon, outro judeu, o Nobel de literatura.

Quatro anos mais tarde, depois de várias internações para tratamento de um câncer e de transtornos psiquiátricos, faleceu em Estocolmo, em 12 de dezembro de 1970, apenas algumas semanas após o suicídio do amigo Paul Celan, com quem, por muitos e muitos anos, manteve correspondência.

## Traduzindo Nelly Sachs

Referindo-se à dificuldade em ler Nelly Sachs, Hans Magnus Enzensberger observa não ser ela jamais de origem técnica; não se devendo nem a um distancia-

4 QUINTELA, Paulo. *Poemas de Nelly Sachs*. Lisboa: Portugália, 1967.

mento nem a um cálculo. A poesia de Nelly Sachs, continua Enzensberger, não é escrita codificada nem imagem ambivalente; estamos lidando aqui com enigmas, que não se esgotam em sua solução, mas que conservam um resto. E é esse resto que importa, diz ele.[5]

Lançando mão de um vocabulário a uma primeira vista simples, Nelly Sachs frequentemente constrói uma linguagem figurada surpreendente, combinando por vezes elementos contraditórios, como as "moradas da morte" no poema *Oh, as chaminés*, que abre a coletânea que se segue. Os campos de concentração são aí ironicamente referidos como "*Wohnungen*". Não se trata meramente de casas, domicílios (e muito menos de apartamentos, evidentemente), mas de moradias, moradas, espaços que evocam o viver, lugares em que – contraditoriamente – a morte vive.

Além da inusitada combinação de metáforas, um dos traços que, logo de início, sobressai de sua lírica é o hermetismo. Muitas e frequentes são as referências a letras e números, que, remetendo aos mistérios da Cabala, fazem deter o curso da leitura e inquietam, intransitivamente.[6] Assim ocorre no poema *Estou no estrangeiro*, com o "8", portal para outra dimensão, segundo a Cabala. O mesmo signo, se considerado na horizontal (∞), é símbolo do infinito, sendo usado, de longa data, na matemática e ocorrendo também, no tarô, onde coroa a figura do Mago. Para traduzir o desconhecido *heilige Schleifenengel*, optei pelo mais literal, "santo anjo do laço", encimado pelo infinito, que, na posição vertical é um oito, o qual, por sua vez, não deixa também de ser uma *Schleife*, um laço.

Para além de letras e números, que retornam, por exemplo no poema *Eu o vi sair de casa*, as muitas referências ao velho Testamento demandam do leitor consultas e comparações entre as várias versões da Bíblia. Assim, a epígrafe do poema que abre a coletânea aqui apresentada (Und wenn diese meine Haut zerschlagen sein wird, so werde ich *ohne Fleisch* Gott schauen) foi retirada de Jó, 19:26. Na versão da Bíblia de King James lê-se: "And though after my skin worms destroy this body, *yet in my flesh* shall I see God", ao passo que na versão atualizada, em português, da mesma Bíblia, se lê: "E depois que todo o meu corpo estiver consumido pela terra, *sem carne*, então contemplarei a face de Deus". Sachs, todavia, em sua citação,

5 Disponível em: <http://www.planetlyrik.de/nelly-sachs-ausgewahlte-gedichte/2012/06/>. Acesso em: 21 maio 2015.

6 Segundo a Cabala, Deus usou as 22 letras do alfabeto hebraico para criar o mundo, assim está no *Sefer Ietzirah*. As letras, mais que traços no papel, seriam representações gráficas das 22 forças primárias que se reuniram na construção do universo.

conforme observa Ester (2011, p. 88),[7] opta pela construção "so werde ich *ohne Fleisch* Gott schauen" (então, sem (minha) carne, contemplarei a Deus). A citação de Sachs é praticamente idêntica à que se vê na versão revisada da Bíblia de Lutero, de 1948, que teria usado, no original, "*in* mein Fleisch" (em minha carne). Sachs, no entanto, prefere a preposição "ohne" (sem), o que foi observado na tradução para o português.

Também o tom quase sempre plangente com que Nelly Sachs escreve é algo que demanda do tradutor uma atitude vigilante, requerendo um monitoramento cuidadoso, pois, embora se cuide de uma lamentação, não se chega jamais ao sentimental.

A métrica é livre, sem preocupação com rimas. Busquei, sempre que a sintaxe do português me permitiu, ater-me à ordenação vocabular do original, preservando também sua pontuação. A esse respeito, pode-se observar na obra de Sachs, não apresentada aqui em ordem rigorosamente cronológica, uma tendência à rarefação da pontuação. Busquei também observar esse uso, inclusive preservando os numerosos *Gedankenstriche* simples, travessões isolados, ao final de certos versos, que sinalizam suspensão, interrupção, e, mais figuradamente, limiar, limite, impossibilidade de avançar, silêncio, emudecimento. Esse sinal aponta em direção à fronteira para além da qual nenhuma fala é mais possível, como observa Coterno (2011).[8]

Com a presente (re)apresentação de Nelly Sachs em língua portuguesa – que não pretende se contrapor às traduções realizadas por Paulo Quintela, impecáveis –, procurou-se divulgar seu trabalho, emprestando a sua voz um timbre menos acentuadamente lusitano, quer no léxico quer na sintaxe, como se exemplifica nos trechos a seguir: (i) "Vi-o sair de casa / o fogo tinha-se-lhe pegado" X "Eu o vi sair de casa / o fogo o havia chamuscado", (ii) "Estes algarismos tinham-se conjurado uns c'os outros" X "Esses números conspiraram entre si", extraídos do poema *Eu o vi sair de casa*, (iii) "Pegastes numa gaita de beiços, nas crinas / Dum cavalo de baloiço" X "Seguráveis uma gaita, a crina / De um cavalinho de balanço", do poema *Mãos*, ou, ainda (iv), "Oh as chaminés! / Vias da liberdade

7 ESTER, H. Iconicity as the key to the poetry of Nelly Sachs. *Literator*, 32, n. 2, p. 79-101, Aug. 2011. Disponível em: <http://reference.sabinet.co.za/sa_epublication_article/literat_v32_n2_a4>. Acesso em: 20 maio 2015.

8 COTERNO, Chiara. Weder Codeschrift noch Vexierbild. Die italienischen Übersetzungen der Gedichte von Nelly Sachs. Disponível em: <http://www.literaturkritik.de/public/rezension.php?rez_id=15646&ausgabe =201106>. Acesso em: 26 maio 2015.

para o pó de Jeremias e de Job — / Quem vos inventou e compôs, pedra sobre pedra / De fumo o caminho dos fugitivos?" X "Oh, as chaminés! / Caminhos de liberdade para o pó de Jeremias e Jó – / Quem vos imaginou e construiu, pedra sobre pedra, / O caminho para os fugitivos-fumaça?", do poema *Oh, as chaminés*.

Buscou-se reunir, nessa breve coletânea, uma amostra representativa da lírica de Sachs, em diversos momentos de sua produção. Aqui não poderiam faltar poemas como *Oh, as chaminés* (*O die Schornsteine*) e *A vós, que construís a nova morada* (*An euch, die das neue Haus bauen*), que inauguram o livro *Nas moradas da morte* (*In den Wohnungen des Todes*), cujo título faz justamente referência aos crematórios dos campos de concentração nazistas. Trata-se de textos muito difundidos, traduzidos em diversas línguas, sendo talvez o primeiro deles um dos mais conhecidos e citados por estudiosos de sua obra.

Um importante ciclo de poemas, entre os quatro que compõem o livro *Nas moradas da morte*, é o dos coros depois da meia-noite. Trata-se de um extenso conjunto de coros em que se restitui/concede voz não só aos sobreviventes do holocausto, mas também aos mortos, aos não nascidos e mesmo aos seres inanimados: às pedras, às nuvens, às estrelas, às coisas abandonadas... Desse conjunto foram escolhidos três textos representativos para integrarem a coletânea: *Coro dos salvos*, *Coro das sombras* e *Coro dos órfãos*.

A maior parte dos poemas aqui reunidos orbita a temática do holocausto, como não poderia deixar de ser, em se tratando de Nelly Sachs, cuja poesia, como ela própria teria declarado, começou "nas moradas da morte", nos crematórios dos campos de concentração nazistas.[9] Em alguns deles, no entanto, como, por exemplo, *Nesta ametista*, *É um escuro como*, *Estou no estrangeiro*, ou, ainda, *Em meu quarto*, nos quais o hermetismo que caracteriza sua escrita se manifesta mais acentuadamente, isso não é tão evidente.

De um modo geral, a poesia de Sachs mais concilia que incrimina, como já apontaram certos críticos. "Já amanhã sereis pó, nos sapatos dos vindouros" é o que se lê nos versos finais do poema *Mas quem*. Após o tempo virá outro tempo, e o tão recorrente pó – de onde viemos e para onde tornaremos – é o que nos une a todos. O tragédia da existência alcança vítimas e carrascos... Em outros momentos, no entanto, o que emerge é a voz contundente de uma profunda irresignação, como em "Ó mundo, nós te acusamos!", do *Coro dos órfãos*.

9 Cf. SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. A poética de Nelly Sachs. Disponível em: http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415577788.pdf. Acesso em: 30 set. 2015.

## Livros de poemas:

*In den Wohnungen des Todes*, Berlin (Oriental): Aufbau, 1947.
*Sternverdunkelung*, Amsterdam: Berman Fischer, 1949.

*Und niemand weiß weiter*, Hamburg/München: Ellermann, 1957.
*Flucht und Verwandlung*, Stuttgart: DVA, 1959.
*Glühende Rätsel*, Frankfurt am Main: Insel, 1962.
*Die Suchende*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1966.
*Teile dich Nacht*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971.

## Antologias e compilações:

*Fahrt ins Staublose*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1961.
*Ausgewählte Gedichte*, Hans Magnus Enzensberger (Ed.), Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1963.
*Das Leiden Israels. Eli. In den Wohnungen des Todes. Sternverdunkelung*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1964.
*Späte Gedichte*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1965.
*Landschaft aus Schreien*, Berlin (Leste)/Weimar: Aufbau, 1966.

## O DIE SCHORNSTEINE

*Und wenn diese meine Haut zerschlagen sein wird,*
*so werde ich ohne Fleisch Gott schauen*
*Hiob*

O die Schornsteine
Auf den sinnreich erdachten Wohnungen des Todes,
Als Israels Leib zog aufgelöst in Rauch
Durch die Luft –
Als Essenkehrer ihn ein Stern empfing
Der schwarz wurde
Oder war es ein Sonnenstrahl?

O die Schornsteine!
Freiheitswege für Jeremias und Hiobs Staub –
Wer erdachte euch und baute Stein auf Stein
Den Weg für Flüchtlinge aus Rauch?

O die Wohnungen des Todes,
Einladend hergerichtet
Für den Wirt des Hauses, der sonst Gast war –
O ihr Finger,
Die Eingangsschwelle legend
Wie ein Messer zwischen Leben und Tod –

O ihr Schornsteine,
O ihr Finger,
Und Israels Leib im Rauch durch die Luft!

## OH, AS CHAMINÉS

*E quando esta minha pele tiver se consumido,*
*então, sem minha carne, contemplarei a Deus.*
*Jó*

Oh, as chaminés
Sobre as moradas da morte, engenhosamente imaginadas,
Quando o corpo de Israel se elevou, desfeito em fumaça
Pelo ar –
Uma estrela, como limpador de chaminés, o acolheu
E enegreceu
Ou foi um raio de sol?

Oh, as chaminés!
Caminhos de liberdade para o pó de Jeremias e Jó –
Quem vos imaginou e construiu, pedra sobre pedra,
O caminho para os fugitivos-fumaça?

Oh, as moradas da morte,
Convidativamente arranjadas
Para o anfitrião, outrora hóspede –
Ó dedos,
Assentando o limiar da entrada,
Como faca entre a vida e a morte –

Ó chaminés,
Ó dedos,
E o corpo de Israel na fumaça, pelo ar!

## AN EUCH, DIE DAS NEUE HAUS BAUEN

*Es gibt Steine wie Seelen.*
*Rabbi Nachman*

Wenn du dir deine Wände neu aufrichtest –
Deinen Herd, Schlafstatt, Tisch und Stuhl –
Hänge nicht deine Tränen um sie, die dahingegangen,
Die nicht mehr mit dir wohnen werden
An den Stein
Nicht an das Holz –
Es weint sonst in deinen Schlaf hinein,
Den kurzen, den du noch tun musst.

Seufze nicht, wenn du dein Laken bettest,
Es mischen sich sonst deine Träume
Mit dem Schweiß der Toten.
Ach, es sind die Wände und die Geräte
Wie die Windharfen empfänglich
Und wie ein Acker, darin dein Leid wächst,
Und spüren das Staubverwandte in dir.
Baue, wenn die Stundenuhr rieselt,
Aber weine nicht die Minuten fort
Mit dem Staub zusammen,
Der das Licht verdeckt.

## A VÓS, QUE CONSTRUÍS A NOVA MORADA

*Há pedras como almas.*
*Rabbi Nachman*

Quando levantares de novo tuas paredes –
Fogão, catre, mesa e cadeira –
Não os enfeites com tuas lágrimas, os que partiram
Que não mais habitarão contigo
Na pedra
Nem na madeira –
Senão haverá choro no teu sono
No curto sono que ainda tens de dormir.
Não suspires ao estenderes teu lençol –
Senão misturam-se teus sonhos
Com o suor dos mortos.
Ah, paredes e utensílios
São sensíveis como harpas eólicas
E como um campo onde viceja tua dor,
E sentem o que em ti é parente do pó.
Constrói enquanto escorre a clepsidra
Mas não chores os minutos que correm
Junto com o pó
Que encobre a luz.

## CHOR DER GERETTETEN

Wir Geretteten,
Aus deren hohlem Gebein der Tod schon seine Flöten schnitt,
An deren Sehnen der Tod schon seinen Bogen strich –
Unsere leiber klagen noch nach
Mit ihrer verstümmelten Musik.
Wir Geretteten,
Immer noch hängen die Schlingen für unsere Hälse gedreht
Vor uns in der blauen Luft –
Immer noch füllen sich die Stundenuhren mit unserem tropfenden Blut.
Wir Geretteten,
Immer noch essen an uns die Würmer der Angst.
Unser Gestirn ist vergraben im Staub.
Wir Geretteten
Bitten euch:
Zeigt uns langsam eure Sonne.
Führt uns von Stern zu Stern im Schritt.
Lässt uns das Leben leise wieder lernen.
Es könnte sonst eines Vogels Lied,
Das Füllen des Eimers am Brunnen
Unseren schlecht versiegelten Schmerz aufbrechen lassen
Und uns wegschäumen –
Wir bitten euch:
Zeigt uns noch nicht einen beißenden Hund –
Es könnte sein, es könnte sein
Dass wir zu Staub zerfallen –
Vor euren Augen zerfallen in Staub.
Was hält denn unsere Webe zusammen?
Wir odemlos gewordene,
Deren Seele zu *Ihm* floh aus der Mitternacht
Lange bevor man unseren Leib rettete
In die Arche des Augenblicks.
Wir Geretteten,
Wir drücken eure Hand,
Wir erkennen euer Auge –
Aber zusammen hält uns nur noch der Abschied,
Der Abschied im Staub.
Hält uns mit euch zusammen.

## CORO DOS SALVOS

Nós, salvos,
Em cuja ossada vazia a morte já entalhou suas flautas,
Em cujos tendões a morte já roçou seu arco –
Nossos corpos ainda se lamentam
Com sua música mutilada.
Nós, salvos,
Os laços urdidos para nossas gargantas pendem ainda
Diante de nós, no ar azul –
As clepsidras ainda se enchem com nosso sangue gotejante.
Nós, salvos,
Os vermes do medo ainda nos corroem.
Nossa estrela está soterrada no pó.
Nós, salvos,
Vos pedimos:
Mostrai-nos lentamente o vosso sol.
Conduzi-nos, de estrela em estrela, passo a passo.
Deixai que reaprendamos a vida suavemente.
Senão o canto de um pássaro,
O encher do balde no poço
Poderiam romper nossa dor mal-lacrada
E nos levar em espumas.
Nós vos pedimos:
Não nos mostreis ainda um cão mordente –
Poderia ser, poderia ser
Que nos desfizéssemos em pó –
Que ante vossos olhos nos desfizéssemos em pó.
O que nos mantém de pé, então?
Nós, que nos tornamos sem alento,
Nós, cuja alma fugiu para *Ele*, saindo da meia-noite,
Antes, bem antes que nosso corpo tivesse sido salvo
Na arca do instante.
Nós, salvos,
Apertamos a vossa mão,
Reconhecemos o vosso olho –
Mas apenas a despedida nos une,
A despedida no pó
Nos une a vós.

## WER ABER

Wer aber leerte den Sand aus euren Schuhen,
Als ihr zum Sterben aufstehen musstet?
Den Sand, den Israel heimholte,
Seinen Wandersand?
Brennenden Sinaisand,
Mit den Kehlen von Nachtigallen vermischt,
Mit den Flügeln des Schmetterlings vermischt,
Mit dem Sehnsuchtsstaub der Schlangen vermischt,
Mit allem was abfiel von der Weisheit Salomos vermischt,
Mit dem Bitteren aus des Wermuts Geheimnis vermischt –

O ihr Finger,
Die ihr den Sand aus Totenschuhen leertet,
Morgen schon werdet ihr Staub sein
In den Schuhen Kommender!

## MAS QUEM

Mas quem bateu a areia de vossos sapatos,
Quando tivestes de vos levantar para morrer?
A areia que Israel trouxe para casa,
Sua areia peregrina?
Ardente areia do Sinai,
Misturada com as gargantas dos rouxinóis,
Misturada com as asas da borboleta,
Misturada com o pó nostálgico das serpentes,
Misturada com tudo que transbordou da sabedoria de Salomão,
Misturada com o amargor do mistério do absinto –

Ó dedos,
Que batestes a areia dos sapatos dos mortos,
Já amanhã sereis pó
Nos sapatos dos vindouros!

## IN DIESEM AMETHYST

In diesem Amethyst
sind die Zeitalter der Nacht gelagert
und eine frühe Lichtintelligenz
zündete die Schwermut an
die war noch flüssig
und weinte

Immer noch gläntz dein Sterben
hartes Veilchen

## NESTA AMETISTA

Nesta ametista
estão sedimentadas as eras da noite
e uma prístina inteligência de luz
inflamou a amargura
ainda líquida
e chorou

Tua morte resplandece ainda
dura violeta

WIEVIELE MEERE

Wieviele Meere im Sande verlaufen,
wieviel Sand hart gebetet im Stein,
wieviel Zeit im Sanghorn der Muscheln
verweint,
wieviel Todverlassenheit
in den Perlenaugen der Fische,
wieviele Morgentrompeten in der Koralle,
wieviel Sternenmuster im Kristall,
wieviel Lachkeime in der Kehle der Möwe,
wieviel Heimwehfäden
auf nächtlichen Gestirnbahnen gefahren,
wieviel fruchtbares Erdreich
für die Wurzel des Wortes:
*Du* –
hinter allen stürzenden Gittern
der Geheimnisse
Du –

QUANTOS MARES

Quantos mares se apagam na areia,
Quanta areia sedimentada na pedra,
Quanto tempo pranteado na concha sussurrante dos caracóis,
Quanta desolação mortal
Nos olhos de pérola dos peixes,
Quantas trombetas matinais no coral,
Quantos padrões estelares no cristal,
Quantos embriões de hilaridade na garganta da gaivota,
Quantos fios de saudade
Percorreram as noturnas rotas constelares
Quanta terra fecunda
Para a raiz da palavra
*Tu* –
Por detrás de todas as grades dos mistérios
que vão sendo derrubadas
Tu –

## WER RUFT?

Wer ruft?
Die eigene Stimme!
Wer antwortet?
Tod!
Geht die Freundschaft unter
im Heerlager des Schlafes?
Ja!
Warum kräht kein Hahn?
Er wartet bis der Rosmarinkuss
auf dem Wasser schwimmt!
Was ist das?

Der Augenblick Verlassenheit
aus dem die Zeit fortfiel
getötet von Ewigkeit!

Was ist das?

Schlaf und Sterben sind eigenschaftslos

## QUEM CHAMA?

Quem chama?
A própria voz!
Quem responde?
Morte!
A amizade naufraga
no bivaque do sono?
Sim!
Por que um galo não canta?
Ele espera até que o beijo do alecrim
flutue sobre as águas!

O que é isto?

O instante de desolação
do qual se desprendeu o tempo
morto de eternidade!

O que é isto?

Sono e morte não têm características

## IN MEINER KAMMER

In meiner Kammer
wo mein Bett steht
ein Tisch ein Stuhl
der Küchenherd
kniet das Universum wie überall
um erlöst zu werden
von der Unsichtbarkeit –
Ich mache einen Strich
schreibe das Alphabeth
male den selbstmörderischen Spruch an die Wand
an dem die Neugeburten sofort knospen
schon halte ich die Gestirne an der Wahrheit fest
da beginnt die Erde zu hämmern
die Nacht wird lose
fällt aus
toter Zahn vom Gebiss –

## EM MEU QUARTO

Em meu quarto,
onde fica minha cama
uma mesa uma cadeira
o fogão
o universo está ajoelhado como em toda parte
para ser salvo
da invisibilidade –
Eu traço uma linha
escrevo o alfabeto
pinto o lema suicida na parede
de onde brotam imediatamente os renascimentos
já prendo as constelações à verdade
então a terra começa a martelar
a noite se afrouxa
desprende-se
dente morto da dentadura –

## VIER TAGE VIER NÄCHTE

Vier Tage vier Nächte
war ein Sarg dein Versteck
Überleben atmete ein – und aus –
Tod zu verspäten –
Zwischen vier Brettern
lag das Leiden der Welt –

Draußen wuchs die Minute voller Blumen
am Himmel spielten Wolken –

## QUATRO DIAS QUATRO NOITES

Quatro dias quatro noites
teu esconderijo foi um caixão
sobreviver inspirou – e expirou –
para retardar a morte –
Entre quatro tábuas
jazia a dor do mundo –

Lá fora o minuto crescia pleno de flores
nuvens brincavam no céu –

## CHOR DER SCHATTEN

Wir Schatten, o wir Schatten!
Schatten von Henkern
Geheftet am Staube eurer Untaten –
Schatten von Opfern
Zeichnend das Drama eures Blutes an eine Wand.
O wir hilflosen Trauerfalter
Eingefangen auf einem Stern, der ruhig weiterbrennt
Wenn wir in Höllen tanzen müssen.
Unsere Marionettenspieler wissen nur noch den Tod.
Goldene Amme, die du uns nährst
Zu solcher Verzweiflung,
Wende ab o Sonne dein Angesicht
Auf dass auch wir versinken –
oder lass uns spiegeln eines Kindes Jauchzend
Erhobene Finger
Und einer Libelle leichtes Glück
Über dem Brunnenrand

## CORO DAS SOMBRAS

Nós, sombras, oh, nós, sombras!
Sombras de carrascos
Presas ao pó de vossos crimes –
Sombras de vítimas
Desenhando o drama do vosso sangue numa parede.
Oh, nós, desamparadas borboletas do luto
Aprisionadas numa estrela, que segue queimando em paz,
Enquanto temos de dançar em infernos.
Nossos titereiros sabem tão somente a morte.
Tu, ama dourada que nos alimenta
Para tamanho desespero,
Ó Sol, afasta a tua face
Para que também mergulhemos –
Ou deixa-nos espelhar um júbilo infantil
Dedos erguidos
E a leve alegria de uma libélula
Sobre a borda do poço.

BIN IN DER FREMDE

Bin in der Fremde
die ist behütet von der 8
dem heiligen Schleifenengel
Der ist immer unterwegs
durch unser Fleisch
Unruhe stiftend
und den Staub flugreif machend –

ESTOU NO ESTRANGEIRO

Estou no estrangeiro
que é protegido pelo 8
o santo anjo do laço
Que está sempre a caminho
através de nossa carne
semeando a inquietude
e deixando o pó maduro para voar –

## ICH SAH IHN AUS DEM HAUS TRETEN

Ich sah ihn aus dem Haus treten
das Feuer hatte ihn angebrannt
aber nicht verbrannt
Er trug eine Aktentasche aus Schlaf
unter dem Arm
darinnen war es schwer von Buchstaben und Zahlen
eine ganze Mathematik –
In seinem Arm war eingebrannt:
7337 die Leitzahl
Diese Zahlen hatten sich miteinander verschworen
Der Mann war Raumvermesser
Schon hoben sich seine Füße von der Erde
Einer wartete oben auf ihn
um ein neues Paradies zu erbauen
"Aber warte nur – balde ruhest du auch –"

## EU O VI SAIR DE CASA

Eu o vi sair de casa
o fogo o havia chamuscado
mas não o queimara
Trazia uma pasta de sono
sob o braço
lá dentro o peso de letras e números
toda uma matemática
Em seu braço estava marcado a ferro
7337 o número-guia
Esses números conspiraram entre si
O homem media os espaços
Logo seus pés se elevaram da terra
Alguém o aguardava lá em cima
Para erguer um novo paraíso
"Mas espera só – em breve descansarás também –"

## HÄNDE

Der Todesgärtner,
Die ihr aus der Wiegenkamille Tod,
Die auf den harten Triften gedeiht
Oder am Abhang,
Das Treibhausungeheuer eures Gewerbes gezuchtet habt,
Hände,
Des Leibes Tabernakel aufbrechend,
Der Geheimnisse Zeichen wie Tigerzähne packend –
Hände,
Was tatet ihr,
Als ihr die Hände von kleinen Kindern waret?
Hieltet ihr eine Mundharmonika, die Mähne
Eines Schaukelpferdes, fasstet der Mutter Rock im Dunkel,
Zeigtet auf ein Wort im Kinderlesebuch –
War es Gott vielleicht, oder Mensch?

Ihr würgenden Hände,
War eure Mutter tot,
Eure Frau, euer Kind?
Dass ihr nur noch den Tod in den Händen hieltet,
In den würgenden Händen?

## MÃOS

Dos jardineiros da morte,
Que da camomila do berço,
Que nas duras pastagens viceja
Ou na encosta,
Criastes a morte, o monstro de estufa do vosso ofício,
Mãos,
Arrombando o tabernáculo do corpo,
Agarrando como dentes de tigre os sinais dos mistérios –
Mãos,
Que fazíeis vós
Quando éreis as mãos de crianças pequenas?
Seguráveis uma gaita, a crina
De um cavalinho de balanço, agarráveis a saia da mãe no escuro,
Apontáveis para uma palavra no livro de leitura? –
Era Deus talvez, ou homem?

Vós, mãos que estrangulais,
Estaria morta Vossa mãe,
Vossa esposa, vosso filho?
Para que nas mãos tão somente a morte tivésseis,
Nas mãos estranguladoras?

## ES IST EIN SCHWARZ WIE

Es ist ein schwarz wie
Chaos vor dem Wort
Leonardo suchte dieses Schwarz
hinter dem Schwarz
Hiob war eingewickelt
in den Guburtenleib der Sterne
Jemand schüttelt die Schwärze
bis der Apfel Erde fällt
gereift ans Ende
Ein Seufzer
ist das die Seele – ?

## É UM ESCURO COMO

É um escuro como
caos antes do verbo
Leonardo procurou esse escuro
por detrás do escuro
Jó estava envolto
no corpo materno dos astros
Alguém sacode a escuridão
até que a maçã Terra caia
madura no fim
Um suspiro
será isso a alma – ?

## VÖLKER DER ERDE

Völker der Erde
ihr, die ihr euch mit der Kraft der unbekannten
Gestirne umwickelt wie Garnrollen,
die ihr näht und wieder auftrennt das Genähte,
die ihr in die Sprachverwirrung steigt
wie in Bienenkörbe,
um im Süßen zu stechen
und gestochen zu werden –

Völker der Erde,
zerstöret nicht das Weltall der Worte,
zerschneidet nicht mit den Messern des Hasses
den Laut, der mit dem Atem zugleich geboren wurde.

Völker der Erde,
O dass nicht Einer Tod meine, wenn er Leben sagt –
und nicht Einer Blut, wenn er Wiege spricht –

Völker der Erde,
lasset die Worte an ihrer Quelle,
denn sie sind es, die die Horizonte
in die wahren Himmel rücken können
und mit ihrer abgewandten Seite
wie eine Maske dahinter die Nacht gähnt
die Sterne gebären helfen –

## POVOS DA TERRA

Povos da Terra,
vós, que com a força das desconhecidas
constelações vos envolveis como carretéis,
que coseis e de novo descoseis o que cosestes,
que entrais na confusão das línguas
como em colmeias,
para no doce picardes
e serdes picados –

Povos da Terra,
não destruais o universo das palavras,
não retalheis com as lâminas do ódio
o som que nasceu ao mesmo tempo em que o sopro.

Povos da Terra,
Oh, que ninguém pense em morte quando diz vida –
e que ninguém pense em sangue quando diz berço –

Povos da Terra,
deixai as palavras junto à sua fonte,
pois são elas que podem arrojar
os horizontes até aos céus verdadeiros
e com sua face oculta
como uma máscara por detrás a noite boceja
ajudar no parto das estrelas.

## CHOR DER WAISEN

Wir Waisen
Wir klagen der Welt:
Herabgehauen hat man unseren Ast
Und ins Feuer geworfen –
Brennholz hat man aus unseren Beschützern gemacht –
Wir Waisen liegen auf den Feldern der Einsamkeit.
Wir Waisen
Wir klagen der Welt:
In der Nacht spielen unsere Eltern Verstecken mit uns –
Hinter den schwarzen Falten der Nacht
Schauen uns ihre Gesichter an,
Sprechen ihre Münder:
Dürrholz waren wir in eines Holzhauers Hand –
Aber unsere Augen sind Engelaugen geworden
Und sehen euch an,
Durch die schwarzen Falten der Nacht
Blicken sie hindurch –

Wir Waisen
Wir klagen der Welt:
Steine sind unser Spielzeug geworden,
Steine haben Gesichter, Vater- und Muttergesichter
Sie verwelken nicht wie Blumen, sie beißen nicht wie Tiere —
Und sie brennen nicht wie Dürrholz, wenn man sie in den Ofen wirft —
Wir Waisen wir klagen der Welt:
Welt warum hast Du uns die weichen Mütter genommen
Und die Väter, die sagen: Mein Kind, du gleichst mir!
Wir Waisen gleichen niemand mehr auf der Welt!
O Welt
Wir klagen dich an!

## CORO DOS ÓRFÃOS

Nós, órfãos,
Queixamo-nos do mundo:
Deceparam nosso ramo
E lançaram-no ao fogo –
Transformaram em lenha quem nos protegia –
Nós, órfãos, jazemos nos campos da solidão.
Nós, órfãos,
Queixamo-nos do mundo:
Na noite nossos pais brincam conosco de esconde-esconde –
Por detrás das negras dobras da noite
Fitam-nos seus rostos,
Falam suas bocas:
Fomos lenha seca na mão de um lenhador –
Mas nossos olhos tornaram-se olhos de anjos
E olham para vós,
Por entre as negras dobras da noite
Eles olham –

Nós, órfãos,
Queixamo-nos do mundo:
Pedras tornaram-se nosso brinquedo,
Pedras têm rostos, rostos de pai e mãe,
Não murcham como flores, não mordem como bichos –
E não ardem como lenha seca quando lançadas no forno –
Nós, órfãos, queixamo-nos do mundo:
Mundo por que nos tiraste as ternas mães
E os pais que dizem: Tu te pareces comigo!
Nós, órfãos, não nos parecemos com ninguém mais no mundo!
Ó Mundo,
Nós te acusamos!

## SCHON VOM ARM DES HIMMLISCHEN TROSTES UMFANGEN

Steht die wahnsinnige Mutter
Mit den Fetzen ihres zerrissenen Verstandes,
Mit den Zundern ihres verbrannten Verstandes
Ihr totes Kind einsargend,
Ihr verlorenes Licht einsargend,
Ihre Hände zu Krügen biegend,
Aus der Luft füllend mit dem Leib ihres Kindes,
Aus der Luft füllend mit seinen Augen, seinen Haaren
Und seinem flatternden Herzen –

Dann küsst sie das Luftgeborene
Und stirbt!

## CINGIDA JÁ PELO BRAÇO DO CONSOLO CELESTE

Eis a mãe enlouquecida,
Com os farrapos de sua razão estraçalhada,
Com o rastilho de sua razão incinerada,
Deitando no caixão sua criança morta,
Deitando no caixão sua luz perdida,
Curvando as mãos em cântaros,
Enchendo-os de ar com o corpo de sua criança,
Enchendo-os de ar com seus olhos, seus cabelos,
E seu coração esvoaçante –

Depois, beija o que nasceu do ar
E morre!

## O DER WEINENDEN KINDER NACHT!

O der weinenden kinder nacht!
Der zum Tode gezeichneten Kinder Nacht!
Der Schlaf hat keinen Eingang mehr.
Schreckliche Wärterinnen
Sind an die Stelle der Mütter getreten,
Haben den falschen Tod in ihre Handmuskeln gespannt,
Säen ihn in die Wände und ins Gebälk –
Überall brütet es in den Nestern des Grauens.
Angst säugt die kleinen statt der Muttermilch.

Zog die Mutter noch gestern
Wie ein weißer Mond den Schlaf heran.
Kam die Puppe mit dem fortgeküssten Wangenrot
In den einen Arm,
Kam das ausgestopfte Tier, lebendig
In der Liebe schon geworden,
In den andern Arm, –
Weht nun der Wind des Sterbens,
Bläst die Hemden über die Haare fort,
Die Niemand mehr kämen wird.

## OH, NOITE DAS CRIANÇAS QUE CHORAM!

Oh, noite das crianças que choram!
Noite das crianças marcadas para a morte!
O sono já não consegue entrar.
Vigias medonhas
Ocuparam o lugar das mães,
Premeram a morte errada nos músculos de suas mãos,
semeiam-na pelas paredes e pelas vigas –
Por toda parte chocam os ovos nos ninhos do terror.
Medo amamenta os pequeninos em lugar do leite da mãe.

Ainda ontem a mãe chamava
O sono, como uma lua branca,
A boneca, com o carmim das faces lavado de beijos,
Vinha num dos braços,
O bicho de pelúcia, tornado
Já vivo por força do amor,
Vinha no outro, –
Sopra agora o vento do morrer,
Arrebata as camisas por sobre os cabelos
que ninguém mais penteará.

* * *